

**TERRITÓRIOS INCLUSIVOS E PRODUÇÃO DE CUIDADO NAS AÇÕES DE
ARTE/ARTE-EDUCAÇÃO DO PROJETO JAMAC / MONICA NADOR**

***INCLUSIVE TERRITORIES AND CARE IN
ART / ART-EDUCATION OF THE JAMAC / MONICA NADOR PROJECT***

Tarcila Lima da Costa / UNESP
Maria Christina de Souza Lima Rizzi / USP

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca do projeto JAMAC, iniciativa da artista Monica Nador, considerando suas ações de arte/arte-educação como territórios inclusivos e de produção de cuidado. Vale-se da intersecção entre diferentes áreas do saber (Arte e Saúde) para compreender e evidenciar a potência de tal projeto, propondo um diálogo entre a ideia central do mesmo e conceitos/autores que se entrelaçam a ele permanentemente. Assim, além dos conceitos de 'territórios inclusivos' e 'produção de cuidado', presentes no título do trabalho, são abordados no artigo a visão de processos de criação de Fayga Ostrower, a relação entre arte e vida proposta por Celso Favaretto. Emergem da reflexão sobre o trabalho do JAMAC termos como: acolhimento; singularidade; horizontalidade e 'ampliação de abertura para a vida'.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Arte-educação; Inclusão; Cuidado.

ABSTRACT

This article aims to present some reflections about the JAMAC project, an initiative of the artist Monica Nador, considering her actions of art / art-education as inclusive territories and care. It is worth the intersection between different areas of knowledge (Art and Health) to understand and demonstrate the power of such a project, proposing a dialogue between the central idea of the same and concepts / authors that are intertwined with it permanently. Thus, in addition to the concepts of 'inclusive territories' and 'production of care' present in the title of the work, the article focuses on the vision of Fayga Ostrower's creation processes, the relationship between art and life proposed by Celso Favaretto. Emerge from the reflection on the work of JAMAC terms such as: reception; singularity; horizontality and 'enlargement of openness to life'.

KEYWORDS: Art; Art-education; Inclusion; Care.

Introdução

A sociedade contemporânea vem cada vez mais colocando em questão o que tem sido feito em relação às populações com maior grau de vulnerabilidade. A legislação vem sendo modificada paulatinamente, espaços de inclusões diversas (social, cultural, escolar...) têm sido reivindicados como campo de resistência e estudos teóricos, assim como iniciativas práticas vem ganhando visibilidade... No entanto, indiscutivelmente, muito ainda há que ser feito para que se possa dizer que vivemos em uma sociedade que oferece igualdade de oportunidades a todas as pessoas. Além de reivindicações ou leis, é preciso um esforço para que o assunto pertença ao cotidiano dos pensamentos, que esteja inserido na lógica de produção de vida, confrontando velhos hábitos e propiciando que indivíduos se enxerguem como mobilizadores de suas capacidades de estar no mundo de forma mais plena e saudável.

Bastasse uma fórmula para resolver os problemas do mundo e tudo estaria resolvido. Mas sabemos que não basta. Assim, sem pensar em 'identificar uma fórmula que dá certo', o presente trabalho se propõe a iniciar o desvelamento apenas da ponta de um véu... Busca compreender melhor uma iniciativa que se propõe a fazer parte desse movimento de confrontações com a parte mais dura da realidade a partir da oferta de territórios onde se pulsa e move a vida com a roda da arte. Assim, o presente trabalho pretende apresentar algumas reflexões acerca do projeto JAMAC, iniciativa da artista Monica Nador, considerando suas ações de arte/arte-educação como territórios inclusivos e de produção de cuidado. Para tanto, buscou-se identificar termos (conceitos) que expressassem alguns elementos constitutivos do projeto JAMAC/Monica Nador (Figura 1).



Figura 1: Fachada do projeto JAMAC.
Fonte: <<http://jamac.org.br/quem-somos>>.

A expressão ‘territórios inclusivos e produção de cuidado’ refere-se a uma grande área, que tem sido paulatinamente ocupada por artistas e arte-educadores, que, em suas ações tendem a incluir pessoas com características de vulnerabilidade. Tais ações tendem a alcançar como consequência alguma mudança benéfica na relação do indivíduo com o seu ‘estar no mundo’, e assim possibilitar o fortalecimento de sua identidade, ampliando sua capacidade de resistência e de vida diante do mundo.

Territórios Inclusivos

Inclusão é um termo muito abrangente e vem recebendo diferentes complementos (social, cultural, da diversidade, etc). Todas essas nomenclaturas, por oposição, remetem à ideia de exclusão, que, por sua vez, traz a ideia de vulnerabilidade. A Declaração de Salamanca (BRASIL, 2017), documento especificamente da área da educação e inclusão escolar, apresenta como características de população (no caso, crianças em idade escolar) mais vulneráveis, que deveriam ser foco de ações de inclusão: “deficientes e superdotados, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais e, crianças de outros grupos desvantajados ou marginalizados.” Além da visão advinda da área da educação é possível abordar o assunto também a partir da ideia de inclusão social e cultural, sobre o que Wilder (2009) diz:

A importância da acessibilidade cultural para populações marginalizadas resulta do reconhecimento da cultura como valor para os setores desfavorecidos, a chave para o tema de identidade coletiva e autoestima (...). E, nesse sentido, inclusão cultural é considerada como acesso a uma visão pluralista da cultura e das artes. Acessibilidade cultural objetivando a formação de capital cultural valioso na construção das identidades... (WILDER, 2009, p. 25)

É necessário que haja o reconhecimento da cultura como valor para que possa vir a se tornar acessível e, portanto, incluir, sendo vista como direito de todos, e com sua potencialidade na formação (e reafirmação) de identidade. A autora menciona ainda que em programas a serem elaborados para grupos com “autoimagem desvalorizada, com baixa autoestima, na qual persiste a imagem de periférico” (WILDER, 2009, p 27) será necessário que se resgate a percepção de seus valores, contribuindo para o desenvolvimento da conscientização de questões relativas à sua

identidade. Ainda sobre essa questão Puccetti (2013) também menciona:

Criar formas desencadeia um processo complexo que integra a dimensão sensível e a dimensão racional. Criar é organizar o sensível e o racional. Ao criar, todos nós, deficientes ou não, estabelecemos relações e associações significativas internas e com o outro, com a realidade, firmando e fortalecendo nosso papel e nossa identidade. (PUC CETTI, 2013, p. 146)

Mais uma vez a ideia de identidade é mencionada em sua relação com possibilidades de criar. O reconhecimento de si mesmo como ser com capacidade de criar, de associar, relacionar propicia que as pessoas se sintam de alguma forma incluídas, pertencentes, o que por sua vez, nos possibilita pensar na ideia de produção de cuidado.

Produção de Cuidado

Produção de cuidado é uma terminologia bastante utilizada na área da saúde e possui um conceito abrangente, comumente confundido pelo senso comum com a concepção do verbo 'cuidar' ou com a expressão 'tomar cuidado'. A expressão produção de cuidado em saúde, ou apenas produção de cuidado, está relacionada com as ações necessárias para produzir aquilo a que se denomina saúde em uma pessoa. Por sua vez, a Organização Mundial de Saúde define saúde como "o estado de perfeito bem-estar físico, mental e social, e não somente a ausência de enfermidade ou invalidez" (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2017). Esse conceito tem sido debatido, considerando a dificuldade de estabelecer o que seria 'perfeito bem-estar', mas de alguma maneira representa avanços no que diz respeito a não considerar apenas o binômio saúde/doença. Alguns autores (MALTA E MERHY, 2010 e CECCIM E MERHY, 2009) propõem que as formas de produzir saúde são o ponto central da discussão, para além do conceito de saúde. Também ampliando a discussão, Akerman (2008) menciona que a saúde está diretamente relacionada com as condições concretas de vida da população "que por sua vez resulta da ação política dos sujeitos sociais, que disputam recursos de várias ordens (financeiros, políticos, institucionais, etc.)" (AKERMAN, 2008, p.41).

Cecílio (2011) lembra a importância de pensar em saúde considerando as necessidades singulares, que modificam de acordo com a pessoa e com o momento. O autor coloca que a gestão do cuidado deve visar seu bem estar,

segurança e autonomia para seguir com uma vida produtiva e feliz. (CECÍLIO, 2011, p. 589). Para seguir com uma vida produtiva e feliz vários são os dispositivos que cada pessoa vai encontrar, ou ao menos buscar, e tais dispositivos vão considerar seus desejos e suas possibilidades de acessá-los. Um farto campo de possibilidades de produção de cuidado (visando a autonomia, o bem estar de uma vida produtiva e feliz) pode ocorrer através da arte e de processos de criação, e, como nos diz Ostrower (1978):

“Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar, o sentimento de um crescimento interior, em que ampliamos em nossa abertura para a vida.” (OSTROWER, 1978, p.28)

A ideia de reconhecer a si mesmo como criador, com abertura para a vida, pode ser um belo percurso de compreensão de si, de organização da percepção da realidade e expressão dessa percepção. Assim, o território da arte além de poder ter como um de seus papéis a formação e fortalecimento da identidade como mencionado por Puccetti (2013), também se apresenta, segundo os conceitos de Ostrower (1978), como profícuo campo potencializador da produção de cuidado (cuidado de si e cuidado do outro).

Territórios inclusivos e produção de cuidado na arte/arte-educação no JAMAC/ Monica Nador



Figura 2: Monica Nador no JAMAC.
Fonte: <<http://jamac.org.br/quem-somos>>.

A artista Monica Nador (Figura 2), nasceu em Ribeirão Preto em 1955, formou-se pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (Faap-SP) em 1983. A artista menciona (NADOR, 2017) que durante 20 anos, apresentou quadro de bulimia. Encontrou um caminho para lidar com suas questões pessoais, propondo-se a modificar o formato de sua relação com a arte. Já inserida no circuito do mercado de arte, decidiu deixar as telas por um período e ir para os muros. Esse foi o começo do que viria a se tornar um projeto maior, o Jardim Miriam Arte Clube – JAMAC. Local para onde a artista se mudou e vive até os dias de hoje, onde ocorrem oficinas de stencil sobre paredes e tecidos (além de outros, como cinema digital), e onde promove o que chama de ‘espaço de liberdade’, para ‘cada um poder ser o que é’. A artista, reconhecida no mercado de arte, trabalha ali com o conceito de Autoria Compartilhada. A obra se faz no processo, por meio de ação de arte-educação inicialmente (quando os participantes aprendem a trabalhar com stencil) e ao final, na produção artística com o stencil sobre muros do bairro ou tecidos, onde a autoria não é apenas da artista e nem apenas dos participantes, mas, como diz o nome, compartilhada. Nas palavras de Célio Turino (2013):

Uma artista do circuito das artes, da arte chamada de Arte, da arte dos museus, salões e galerias, junta-se aos grafiteiros, artistas de periferia, jovens ativistas, músicos, pintores, dançarinos de rua. Arte da quebrada, dos muros e das calçadas. Militantes sindicais, clubes de mães, agentes da comunidade. A arte que se faz nas greves, nos salões paroquiais e assembleias populares. Água, asfalto, escola, creche e posto de saúde. O direito à moradia, a um canto que seja abrigo. Cada qual à sua maneira, procurando transcender. Encontraram-se e entenderam-se em um clube de arte. As três partes. Ativistas do movimento social, comunidade e artistas. Artistas, artistas, artistas (TURINO, 2013)

Uma das ideias que permeiam o olhar de Monica Nador sobre o JAMAC é a da relação entre arte e vida. A artista menciona (NADOR, 2017) que Celso Favaretto em uma palestra para o JAMAC comentou sobre as mudanças ocorridas no espaço destinado às artes com a Revolução Industrial, que até então estava inserida no cotidiano das pessoas. Nesse sentido, o próprio Favaretto coloca:

(...) na busca de novos rumos da sensibilidade contemporânea (...) a atividade artística desloca o acento das obras para a produção de acontecimentos, ações, experiências, objetos (...) liberando uma significação básica: a reinvenção da arte é condição para que ela possa intervir na transformação radical do homem e do mundo.

Assim fazendo, estaria realizando e ultrapassando as categorias de arte, tornadas categorias de vida, seja pela estetização do cotidiano, seja pela recriação da arte como vida (Favaretto apud Silva e Imbrizzi, 2013, p.8)

A relação entre arte, vida e produção de cuidado também é perceptível na história da artista. Em um primeiro momento é possível identificar que houve a produção de cuidado na dimensão individual (cuidado de si) quando a artista buscou mudanças em sua relação com arte para melhorar sua maneira de 'levar a vida'. Na fala da artista (NADOR, 2017): "eu acho mesmo que o meu trabalho tem pra mim uma função meditativa" e "eu acho que eu consegui ficar saudável". Ou seja, a busca pelo estar saudável é algo reconhecido pela artista e para ela isso ocorre por meio de sua ideia do pertencimento da arte ao espaço cotidiano, na relação com o outro, no encontro de suas potencialidades, no reconhecimento da singularidade possível de ser exercitada por cada um ali presente, no fomento da autonomia criativa e por fim, na realização conjunta da arte. E assim, identifica-se a segunda ideia de cuidado, que emerge nas ações propiciadas aos participantes do JAMAC (Figura 3), considerando como produção de 'aberturas para a ampliação de vida'.



Figura 3: Participantes do JAMAC
Fonte: <http://jamac.org.br/quem-somos>

Essas reflexões nos apontam que alguns outros conceitos além de 'território inclusivos' e 'produção de cuidado' permeiam as propostas de arte/arte-educação do JAMAC/Monica Nador. É possível observar em suas propostas as ideias de:

- **Acolhimento:** compreendido aqui como a capacidade de receber e acolher sem restrições aos participantes, escutando de forma sensível suas necessidades e desejos. O JAMAC/ Monica Nador se propõe a estar receptivo a todo aquele que demonstrar o desejo de estar ali, sem restrição e

sem diferença na forma de atenção, em suas própria palavras (NADOR, 2017): “Receber todo mundo com muito amor, que é por isso que eu estou aqui”.

- **Singularidade:** compreendida aqui como o fomento da expressão individual, promovendo que cada pessoa possa se manifestar livremente por meio da arte, respeitando e valorizando suas características individuais que incluem suas diferenças e evidenciam o fortalecimento de uma identidade.
- **Horizontalidade:** diminuição do caráter hierárquico das relações, que inclui o conceito de Autoria Compartilhada. O JAMAC tem de fato em Monica Nador uma figura de apoio central, no entanto, as ações ocorrem de forma a propiciar o máximo de participação e autonomia aos envolvidos, não evidenciando hierarquia.
- **‘Ampliação de abertura para a vida’:** esta expressão oriunda do conceito de Ostrower (1978) evidencia-se como pressuposto do ato criativo, como ‘intensificação do viver’. A proposta da utilização de stencil busca fazer com que as pessoas procurem em suas vidas aquilo que vão representar no stencil, que se desconectem de imagens midiáticas e busquem em seu cotidiano. Assim vincula o pensamento dos participantes a um olhar mais apurado sobre si mesmos e sobre aquilo que os circunda. Ao exercitarem o fazer artístico em si mesmo, passam por momentos de escolha de cor, de composição, considerando sobreposições e encaixes entre uma figura e outra, e tudo o mais que envolve a produção artística ou processo criativo, retornando ao conceito de Ostrower (1978). Além disso, nas palavras da própria Monica Nador: “Arte serve pra gente criar vida, sociabilidade, redes de convivência” (NADOR, 2018)

Parece-nos que tais conceitos funcionam interligados, ou melhor, entrelaçados numa trama onde todos esses fatores participam com igual importância propiciando um espaço de liberdade de manifestação, que por sua vez pode acionar uma melhora da percepção de si e da vida nos envolvidos.

Favaretto (2011, p. 106) ao comentar sobre Hélio Oiticica, considera que no trabalho

deste artista o ato criador não cabe somente ao artista, mas também ao público, que propõe o diálogo que ocorre

“entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador. Esse entre é índice de indeterminação, espaço contingente onde nasce toda relação, assim implicando o processo de transvalorização da arte, de modo que o que resulta não é mais nem a arte nem a vida empiricamente vivida, as vivências, mas outra coisa, talvez um além-da-arte”.

No caso do JAMAC/Monica Nador, público e artista se misturam, se fundem e a transvalorização da arte ocorre no múltiplo. O território inclusivo amplia seu significado e sua potência e a produção de cuidado alcança meandros delicados, só possíveis em raros momentos. Considerando o JAMAC/Nador como um território inclusivo e de produção de cuidado, que aciona elementos significativos (acolhimento, singularidade, horizontalidade, ‘ampliação de abertura para a vida’) o projeto funciona como catalisador da potência de vida e quem sabe, pode ser considerado como já disse Favaretto sobre o trabalho de Oiticica, “um além-da-arte”.

Referências

- AKERMAN, Marco. *Podemos falar de ambiente e saúde problematizando as conexões entre saúde e desenvolvimento?* R. RAÍGA, Editora UFPR, Curitiba, n. 15, p. 43-53, 2008
- BRASIL. *Declaração de Salamanca e Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Brasília: MEC, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2017
- CECÍLIO, Luiz Carlos Oliveira. *Apontamentos teórico-conceituais sobre processos avaliativos considerando as múltiplas dimensões da gestão do cuidado em saúde*. Botucatu, Interface – Comunic. Saude, Educ v.15, n.37, p.589-99, abr./jun. 2011.
- CECCIM Ricardo Burg; MERHY, Emerson Elias. *Intense micropolitical and pedagogical action: humanization between ties and perspectives*. Botucatu, Interface - Comunic. Saude, Educ., v.13, supl.1, p.531-42, 2009.
- MALTA, Deborah Carvalho; MERHY, Emerson Elias. *O percurso da linha do cuidado sob a perspectiva das doenças crônicas não transmissíveis*. Botucatu, Interface - Comunic. Saude, Educ. vol.114 nº 34 jul/set 2010
- NADOR, Monica. *Técnica e liberdade na arte: entrevista com Mônica Nador*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8HC_cV2JSaA>. Acesso em: 15 jul. 2017
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Conceito de Saúde segundo OMS/WHO*. Disponível em: <<http://cemi.com.pt/2016/03/04/conceito-de-saude-segundo-oms-who/>>. Acesso em 21 jul. 2017.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Ed. Vozes. 1978
- PUCETTI, Roberta. *Arte e Inclusão*. In: LIMA, Angela Maria de Sousa; VITALINO, Celia Regina; ALTINO, Fabiane Cristina; WILDER, Gabriela Suzana. *Inclusão Social e Cultural – Arte contemporânea e educação em museus*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

FAVARETTO, Celso Fernando. *Deslocamentos: entre a arte e a vida*. ARS (São Paulo), v. 9, p. 94109, 2011.

IMBRIZI, Jaqueline Maria. *A vida como obra de arte*. In: *Psicanálise e mal-estar na universidade*. LEITE, Nina V. Araujo; GASPARINI, Edmundo N, SOUZA JR. Paulo Sergio. (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras, Coleção TerramaR, 2013, p 297-307.

Tarcila Lima da Costa

Possui graduação em Educação Artística (Habilitação em Artes Plásticas) pela Universidade Estadual Paulista (2003). Mestrado em Ciências com pesquisa voltada educação em saúde (HRAC/USP-2012). Doutorado em Ciências, na intersecção entre Arte, Educação e Saúde (HRAC/USP - 2016). Atualmente é Professora Assistente Doutora na UNESP- Bauru, no Departamento de Artes e Representação Gráfica (DARG) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC).

Maria Christina de Souza Lima Rizzi

Possui Licenciatura em Artes Cênicas (1980), mestrado em Artes (1990) e doutorado em Artes (2000) todos pela USP. Foi educadora na Pinacoteca do Estado e no Museu da Casa Brasileira. Foi docente nos seguintes museus da USP: MAC, MAE e Museu de Ciências. Coordenou o Curso de Licenciatura em Artes Visuais da ECA-USP de 2006 a 2017. Atualmente (2018) é Professora Sênior do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais.